

A IMPORTÂNCIA DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA NO JOGO BADMINTON

RICARDO GONÇALVES; CARLOS EDUARDO M. DA SILVA;
LÍGIA CONCEIÇÃO DE ARAÚJO; AMANDA BELLANÇON.
SESI - Arapongas/PR- Brasil
ricardo.goncalves@sesipr.org.br.

1. INTRODUÇÃO

O Badminton, esporte criado na Índia há mais de 200 anos, ao qual é praticado individualmente ou em duplas, tem crescido e fascinado as pessoas, aumentando expressivamente o número de praticantes no Brasil e no mundo. O Badminton assume-se como um jogo de interação, reflexos rápidos, agilidade, considerado por muitos como o esporte de raquetes mais rápido do mundo.

É originário de um esporte praticado na China com os pés e uma peteca, por volta do século V antes de Cristo. A versão competitiva do jogo surgiu na Índia, onde era chamado de *Poona*. Soldados do exército inglês interessaram-se e levaram a novidade para a Inglaterra em 1870. O nome atual foi adotado nesse período em razão do nome do local onde era praticado por aristocratas ingleses *Badminton House*, a residência campestre do Duque de Beaufort na Inglaterra. A partir de então passou a ser conhecido como "O Jogo de Badminton". O jogo continuou a ser praticado com as regras trazidas da Índia até 1887, quando um grupo de jogadores decidiu fundar um clube e ajustar as regras que se mantêm até hoje.

Soren Knudsen (2011), dinamarquês e jogador do Santos Atlético Clube (SAC) pesquisou e comprovou que o Badminton no Brasil começou no Clube dos Ingleses, como é conhecido o SAC em 1938. A primeira competição oficial de Badminton no Brasil aconteceu em 1984, a I Taça São Paulo, na capital paulista. Dessa forma, o Badminton competitivo está prestes a completar 27 anos no Brasil.

Atualmente o Badminton é jogado em vários torneios e campeonatos, subsidiados pelas confederações internacionais e nacionais. De fácil aprendizagem desenvolve o raciocínio, a estratégia, o rendimento esportivo, e também estimula no desenvolvimento das habilidades psicomotoras, como a coordenação motora, lateralidade, estruturação espacial e temporal dentre outras capacidades. Permite ao sujeito o desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, fazendo do corpo um instrumento de percepção da realidade externa e interna perante a realização de sua ação, de seus movimentos.

O que leva o indivíduo a pensar sobre seus atos e experiências surge da própria interação entre o sujeito, objeto e o mundo exterior. Consiste então a uma dinâmica interiorizada, em que produzem representações essenciais para o desenvolvimento e a construção do conhecimento por parte dos envolvidos com a situação.

Dessa forma, tem-se como objetivo nesta pesquisa, investigar a influência do uso da tomada de consciência na aprendizagem do jogo Badminton com seis alunos de 11 a 13 anos. Esta relação, Badminton e tomada de consciência das ações, se caracterizam pelo próprio jogo, que possibilita ao atleta pensar nos seus movimentos para um melhor resposta a cada jogada, pretendendo contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos do SESI.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A resposta a este quadro vem com o projeto "Raquetada Olímpica: caso Badminton" desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria - SESI de Arapongas/PR realizado no Centro de Referência em Treinamento de Badminton (CT), que já conta com 150 jogadores, a maioria com idades entre 9 e 17 anos, e um grupo de adultos. Os testes foram realizados com os alunos que freqüentam o CT e que aderem o segundo esporte

mais praticado no mundo. Os alunos, duas vezes por semana treinam em quadra com todo suporte necessário a sua prática.

Para o andamento da pesquisa, foram selecionados 6 alunos de 11 a 13 anos de idade para treinamento da modalidade *Badminton* e realização dos testes. Os testes foram aplicados individualmente nos meses de Agosto e Setembro, com duração de 20 minutos de cada aluno, levando dois meses para seu término.

2.1 Instrumentos da Pesquisa

A pesquisa valeu-se de dois conjuntos de instrumentos: *entrevistas* envolvendo tomada de consciência e *intervenções pedagógicas* durante o jogo *Badminton*.

As *entrevistas* realizadas pela pesquisadora foram adaptadas das entrevistas clínicas descritas por Piaget no capítulo “Andar de Gatinhas” de sua obra “A Tomada de Consciência” (1977), envolveu o processo de tomada de consciência das ações e do pensamento do sujeito sobre seu próprio corpo. Para Delval (2002), o método clínico tem a capacidade de investigar como os sujeitos aprendem, pensam e atuam, envolvendo a interação entre pesquisador-sujeito pesquisado. Essas representações manifestadas durante a entrevista mostram como o sujeito pode de forma verbal e não-verbal expor seu pensamento em decorrência de sua ação.

Durante o exame, o examinador deve acompanhar o raciocínio do sujeito, estando atento para qualquer ato ou verbalização, sem corrigir suas respostas e sem completar o que ele quer dizer. Caso o raciocínio do sujeito seja interrompido, o examinador deve levar o sujeito a retomar o problema para sozinho pensar em uma possível conclusão.

Nesta pesquisa, seguindo as características propostas, a *entrevista* clínica tem como objetivo identificar o nível de tomada de consciência dos sujeitos sobre seu corpo e movimento, e também sobre seu pensar. Para a realização desta é necessário um cesto e três bolinhas pequenas. A entrevista é iniciada colocando-se o aluno a uma distância de três passos (da pesquisadora) em relação ao cesto. O aluno é então solicitado a jogar uma das bolinhas no cesto. Independente de o aluno atingir ou não a bolinha dentro do cesto a pesquisadora faz as seguintes questões:

- 1) Você poderia me explicar como fez esse movimento? O que mais você fez além de levantar o braço? E abaixar o braço? Tem mais alguma coisa que moveu no seu corpo?
- 2) O que você percebe mover primeiro no seu corpo?
- 3) A pesquisadora solicita ao aluno que jogue mais uma bolinha no cesto e depois pede que o sujeito lhe ensine a fazer o movimento que fez: Você me ensina a fazer? Agora mostre-me como fez. Foi assim que você fez?
- 4) Logo em seguida a pesquisadora realiza os movimentos necessários para jogar a bolinha no cesto e diz: Agora eu irei realizar os movimentos, você pode me explicar como fazer? Fiz do mesmo jeito que você fez ou me disse?
- 5) Após isto a pesquisadora solicita que o sujeito jogue mais uma vez e diga o mais exatamente possível o que está fazendo (a explicação do sujeito deve acompanhar a ação do sujeito).
- 6) Em seguida a pesquisadora pede que o sujeito jogue uma última vez uma bolinha no cesto e pergunta: Você está jogando do mesmo jeito que da primeira vez? O que você acha que mudou? Você acha que existe outro jeito de jogar a bolinha no cesto além dos que você já fez? Qual o jeito que você acha o melhor?
- 7) Por último, a pesquisadora solicita que o sujeito escreva ou desenhe para um amigo como se deve fazer para jogar a bolinha no cesto.

Para análise dos resultados da entrevista adaptamos os níveis de tomada de consciência estabelecidos por Piaget na obra citada acima.

Buscando alinhar a prática de acordo com essas características e seguindo a entrevista clínica de Piaget (1977) sobre a tomada de consciência, foram realizadas 5 sessões de *intervenção pedagógica* com duração de 10 minutos cada uma, ao longo de dois meses. A seguir será descrita uma das sessões pedagógicas executadas com uma dupla, já que foram formadas três duplas chegando assim a seis alunos, com o objetivo de proporcionar ao aluno o .

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados seguiu os critérios elaborados por Piaget (1977) na *entrevista clínica*, que estabelece os *níveis*¹ da tomada de consciência das ações dos sujeitos. Os dados coletados antes da intervenção pedagógica demonstram que os alunos submetidos a esse teste do cesto e da bola (elaborado pela pesquisadora), deveriam estar num nível mais avançado da tomada de consciência das ações, os resultados esperados se localizariam entre os níveis IIA ou IIB (com tomada de consciência das ações). Contudo, a maioria situou-se entre os níveis IA e IB.

No pré-teste, os 6 alunos apresentaram características referentes ao nível IA (caracterizado pela ausência de tomada de consciência), pois o que chama a atenção é que não conseguiram descrever as ações realizadas de forma precisa, todos pensavam na ação realizada, mas quando se pedia a explicação, tinham dificuldade de expressar seu pensamento, ou seja, tinha dificuldade em verbalizar seu pensamento e sua ação. Desse nível exemplificamos com a fala de um dos alunos. Assim para melhor compreensão utilizamos a letra (P) sendo de pesquisadora e (A) simbolizando aluno.

P: Você poderia me explicar como fez esse movimento?

A: Há joguei a bola

P: O que mais você fez além de jogar a bola?

A: Joguei para acertar o cesto

P: O que você percebe mover primeiro no seu corpo?

A: A mão.

P: Porque a mão?

A: Porque sim, para jogar a bola

P: Tem mais alguma coisa que moveu no seu corpo, além da mão?

A: Não

P: Jogue mais uma vez e preste bem atenção. Você acha que tem outro jeito de jogar?

A: Sim

P: Como? Você pode me explicar?

A: Por baixo

P: E como você jogou agora?

A: Por cima

P: Então tem dois jeitos de jogar? E qual o jeito que você acha melhor, qual prefere?

A: Por baixo

P: Você pode me explicar porque por baixo?

A: Porque é mais fácil de acertar o cesto

P: Você pode me explicar como fez com seu corpo para jogar a bola?

A: Mexi e joguei

P: Como mexeu?

A: Fui para frente e joguei assim

P: Tem mais algum movimento que faz quando joga?

A: Não, só do corpo e da mão

¹**Níveis:** IA- Manifesta ausência de tomada de consciência dos movimentos realizados, não consegue descrever os movimentos com precisão; IB- O sujeito se desequilibra e ora responde com precisão, ora se contradiz com sua argumentação, mas não há tomada de consciência dos conceitos dos movimentos realizados; IIA- o sujeito começa a tomar consciência de suas ações na intervenção com conceitos mais elaborados, percebendo que o corpo necessita de outros aspectos como a força, equilíbrio, atenção para realização e execução dos movimentos, isso justifica uma ação e pode passar a planejá-la conscientemente; IIB- o sujeito toma consciência rápida, logo nos primeiros movimentos executados em jogo.

P: Solicito ao aluno que jogue mais uma bolinha no cesto e depois peço que me ensine a fazer o movimento que fez.

P: Você me ensina a fazer?

A: Sim, mas não sei fazer. É assim pega a bola na mão e joga no cesto.

P: E você acha que esta fazendo como antes (começo) ou mudou algum movimento?

A: igual, não mudou nada

P: Qual o último movimento que fez?

A: Joguei

P: Jogou, como?

A: Assim (pega a bola e joga)

P: Você pode jogar e me explicar como faz essa jogada?

A: Pega a bola na mão, fica parado e joga a bola

P: E como esta sua mão agora?

A: Fechada com a bola

P: O que mais?

A: Fechada para jogar

P: Jogar como?

A: Dando impulso

Pode-se perceber que os alunos estão em um nível inferior ao esperado, podendo ainda ser trabalhado, por meio das intervenções pedagógicas, para que consigam avançar na construção de um conhecimento mais elaborado, podendo apresentar consciência corporal para ampliar seu repertório psicomotor e ter um desempenho melhor nas atividades realizadas.

A seguir, passamos para o segundo conjunto de testes, a transcrição de uma das *intervenções pedagógicas* com uma dupla de alunos do grupo experimental, para que seja possível entender como ocorre o processo de organização, exposição e compreensão das ações e da construção de conhecimentos dos alunos participantes da pesquisa, buscando evoluir a cada sessão.

P: Como você se movimentou em quadra para realizar essa jogada?

A1: não sei, acho que foi com o smach (cortada)

P: Qual a primeira parte do seu corpo que mexeu nesta jogada?

A1: não lembro

A2: o braço

P: E você? Você concorda com seu colega de que é esta parte do corpo que se mexe primeiramente quando se realiza essa jogada?

A1: sim, porque eu estou segurando a raquete, então mexeu o braço

P: e você acha que é só o braço?

A1: a maioria dos músculos também, ah o corpo inteiro

P: E você A2, qual é a parte que mexe primeiro?

A2: o braço e depois vem a cortada

P: e o corpo como estava?

A2: mexeu o corpo inteiro porque fui para trás para cortar

P: você A1, acha que ela esta certa, ou tem algo diferente?

A1: esta certa

P: você acha que tem outro jeito de jogar?

A1: não, usa primeiro o braço e segundo a perna

P: além dessas tem mais alguma?

A1: não. A2: não

P: qual o último movimento que fez agora?

A1: corte

P: Me explica como fez para cortar?

A1: usei os músculos, com os braços.

P: O que mais?

A1: Os pés, os músculos, as mãos, os dedos, os ombros, há tudo

P: Você acha que é isso mesmo?

A2: Primeiro pulou para cortar, depois mexeu o braço para cortar

P: O que você pensou quando a peteca estava vindo para o seu lado da quadra?

A1: Tirar a peteca dela, e jogar para o lado dela

P: Você também pensa assim?

A2: É, porque eu estava no fundo da quadra e ele estava na frente, daí não deu tempo de pegar

P: Você teria feito igual ou diferente dele?

A2: igual

P: Você acha que teria outra jogada além dessa?

A2: Poderia ter cortado ao invés de jogar na frente

P: Você me mostra como?

A2: Sim, esticar a perna e jogar (fazendo e explicando)

P: Tem outra possibilidade ou só essa?

A1: Só essa. A2: Só essa

Assim, segue as intervenções, lembrando que cada sessão pode ocorrer de maneira diferente, pois a cada situação tem-se uma pergunta a ser feita, e não poderia seguir uma única forma de perguntar aos sujeitos.

Contudo, percebe-se que conforme são realizadas as sessões de intervenção com uso da tomada de consciência, podemos chegar a uma organização completa das ações, estimulando a cada jogo a interação social, cognitiva e afetiva dentre os alunos, afim de que percebam que não basta somente jogar por jogar, movimentos automatizados, e sim pode-se pensar antes de efetuar a jogada, sendo que a cada movimento realizado o pensamento é capaz de organizar os passos, os caminhos a serem percorridos, mas para isso precisam das intervenções para torná-los com mais habilidade psicomotora e elaborar o pensamento.

Depois de oito intervenções com cada aluno, repetimos a entrevista com a atividade do cesto e da bola novamente para verificar se houve mudança e tomada de consciência das ações e no nível de pensamento dos alunos enquanto foram realizadas as intervenções. Contudo, dos 6 alunos, 3 se apresentou no nível IB, com a seguinte explicação de um aluno, num determinado momento da entrevista:

P: E você acha que esta fazendo como antes (começo) ou mudou algum movimento?

A: Acho que igual

P: Porque acha, não tem certeza?

A: Há um pouquinho diferente

P: Como? Pode me explicar?

A: Assim

P: Assim como?

A: A mão não mexia tanto como esta mexendo agora

P: E isso ajudou ou dificultou a jogada?

A: Ajudou um pouquinho

P: Qual o último movimento que fez?

A: Esse (realiza o movimento)

Essa fala exemplifica as características do nível IB, no qual o aluno realiza a ação, mas quando vai verbalizar tem certa dificuldade, e com isso, a ação passa a substituir o conceito.

E, os outros 3 alunos se apresentaram no nível IIA quando começa a tomar consciência de suas ações com conceitos mais elaborados, percebendo que o corpo necessita de outros aspectos como a força, equilíbrio, atenção para realização e execução dos movimentos, isso justifica uma ação e pode passar a planejá-la conscientemente

P: qual o último movimento que fez agora?

A1: corte

P: Me explica como fez para cortar?

A1: usei os músculos, com os braços.

P: O que mais?

A1: Os pés, os músculos, as mãos, os dedos, os ombros, há tudo

P: Você acha que é isso mesmo?

A2: Primeiro pulou para cortar, depois mexeu o braço para cortar

P: O que você pensou quando a peteca estava vindo para o seu lado da quadra?

A1: Tirar a peteca dela, e jogar para o lado dela

P: Você também pensa assim?

A2: É, porque eu estava no fundo da quadra e ele estava na frente, daí não deu tempo de pegar

P: Você teria feito igual ou diferente dele?

A2: igual

P: Você acha que teria outra jogada além dessa?

A2: Poderia ter cortado ao invés de jogar na frente

P: Você me mostra como?

A2: Sim, esticar a perna e usando a força nos braços corta (fazendo e explicando)

Contudo, percebe-se que conforme serão realizadas as sessões, podemos chegar a uma organização completa das ações, estimulando a cada jogo a interação social, cognitiva e afetiva dentre os alunos, afim de que percebam que não basta somente jogar por jogar, com movimentos automatizados, e sim pode-se pensar antes de efetuar a jogada, sendo que a cada movimento realizado o pensamento é capaz de organizar os passos, os caminhos a serem percorridos, mas para isso precisam das intervenções, da tomada de consciência das ações para torná-los com mais habilidade psicomotora e elaborar o pensamento para sua execução.

4. CONCLUSÃO

Esses resultados são esclarecedores para que se possa trabalhar melhor a tomada de consciência das ações no jogo, de forma a ampliar as capacidades realizadas em qualquer atividade.

Possibilitar um processo educativo que gere contradições na busca de conscientização, na resolução de problemas, facilita ao sujeito pensar no movimento, na ação que será executada. Neste caso, já não há lugar para os conhecimentos em forma de “gavetas”, onde o poder de decisão fica centrado no treinador, mas necessita-se de uma oportunidade de poder criar e pensar sobre sua ação futura.

A percepção do jogo e no jogo, favorece em todos os aspectos, o jogador necessita de compreender, saber o que está a acontecer e como observar. Caso contrário, não saberá distinguir o que é importante para a sua ação, e muito menos avaliar, o que compromete a sua decisão. Os alunos passaram de um nível menor de consciência para um mais elevado, como pode-se observar nas falas e nas ações dos alunos durante o jogo, passaram a estar mais sensíveis para o reconhecimento de problemas, também desenvolveram o reconhecimento de situações novas, tendo verificado que existiam várias oportunidades e possibilidade que antes não eram vistas, percebidas. Outro aspecto analisado foi que adquiriram alguma sensibilidade para o que iria acontecer a seguir e progrediram para a tomada de consciência rápida, nem sempre eficaz, mas pensada.

Desta forma pode-se concluir que a tomada de consciência dos movimentos, das jogadas, das atividades a serem realizadas, pode mudar a forma de condução de um jogo, pois quando o sujeito pensa, modifica e influencia todo o desempenho do jogo, tornando-se mais direta e completa a resposta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALLAHUE, David; OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adultos e idosos**. 4.ed. São Paulo: Phorte, 2001.

OLIVEIRA, Gislene Campos de. **Avaliação psicomotora a luz da psicologia e psicopedagogia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PIAGET, Jean. **A tomada de consciência**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

PIAGET, Jean. **Fazer e compreender**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. **Departamento Nacional**. Diretrizes técnicas e de gestão: SESI Atleta do Futuro/ Serviço Social da Indústria – Brasília, 2010.

Confederação Brasileira de Badminton (CBBd). Disponível em: <<http://www.badminton.org.br/badminton.asp>>. Acesso em: 02 Ago. 2011.

Ricardo Gonçalves - Serviço Social da Indústria – SESI - Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná: Fone: (43)3275-8750 - Fax: (43)3275-8799 ricardo.goncalves@sesipr.org.br